Análise discursiva - Revista Veja Mulher 2010 - Gabriela Cravo e Canela e a literatura feminina: "Bom-Mocismo nas Letras." [1]

Gláucia Jacuk Herman[2]
Universidade Paulista, São Paulo, SP.

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar uma abordagem analítica da matéria: "Bom-mocismo nas letras" da revista VEJA ESPECIAL MULHER 2010 que tem como alvo o público feminino. O estudo busca apreender as estratégias e mecanismos presentes na representação do feminino em um produto midiático de grande alcance e busca maior entendimento a partir de categorias de análise do discurso de Mikhail Bakhtin, bem como dos estudos de gênero de Pierre Bordieu, ou seja, mostra o diálogo entre as diversas formas de representação do feminino na sociedade contemporânea. O texto examinado que traz à tona uma reflexão cujo cerne é a personagem "Gabriela", de Jorge Amado, serve de ponto de partida para aplicação de conceitos que tratam de questões relativas à produção literária feminina no Brasil.

Palavras-chave: "Gabriela"; adaptações literárias para TV; Jorge Amado; Revista Veja Mulher; representações.

Introdução

A Revista VEJA – uma das produções da Editora Abril - publica anualmente o ESPECIAL MULHER,[3] considerando-se que VEJA tem uma tiragem de 1.200.000 exemplares [4] e atentando ainda às potencialidades vislumbradas para análise da representação do feminino nesta revista, apresentamos uma abordagem de estudo do artigo "Bom-mocismo nas letras", da edição de 2010.

Tendo em conta que: " A palavra não vale por si, mas pela repercussão que provoca em outros indivíduos do mesmo contexto." (SCHNAIDERMAN, 1982, p 74), intentamos destacar alguns aspectos discursivos que julgamos pertinentes para a construção de um panorama representativo do texto em questão. Para tanto, ponderamos que primeiramente se faz mister uma breve apresentação da temática da edição examinada.

1 Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Gláucia Jacuk Herman é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista sob orientação do Dr Antônio Adami e participa do Grupo "Mídia, Cultura e Memória", cadastrado junto ao CNPq.Email: gjherman@uol.com.br.

3 Não temos dados específicos sobre a periodicidade desta publicação especial, em levantamento realizado no site http://veja.abril.com.br/especiais/index.shtml consulta em27/05/2013, localizamos as edições de 2001 a 2010.

4 Informações disponíveis em http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais- acesso em 01/07/2013

As Herdeiras de uma Revolução

Fonte: http://veja.abril.com.br/especiais/mulher/index.html

A revista VEJA MULHER de 2010 faz uma homenagem à REALIDADE de 1967 que num episódio emblemático da imprensa brasileira foi apreendida horas após chegar às bancas, esta referência está explícita na lupa onde se vê a capa da REALIDADE . A Carta ao Leitor assim esclarece:

> Esperamos que esta VEJA ESPECIAL MULHER dialogue com a heroica edição da REALIDADE de 1967 e que as leitoras e os leitores da presente edição revivam a fascinante jornada de aperfeiçoamento pessoal e coletivo que nos abriu a porta da modernidade. (http://veja.abril.com.br/especiais/mulher/carta-ao-leitor.html)

Ao longo da edição encontramos o que se denomina como: *A mulher em três tempos*, um quadro em que podemos comparar as respostas às perguntas feitas por REALIDADE na pesquisa publicada na edição de janeiro de 1967, às mesmas questões repetidas em 1994 por VEJA e em 2010, em uma enquete realizada pelo Ibope Inteligência.

Fonte: http://veja.abril.com.br/especiais/mulher/revista-censurada-p-012.html

Começaremos nossa análise pelo título da REVISTA: *As Herdeiras de uma Revolução.* Iniciando pela definição do substantivo Herdeiro, temos:

- aquele que sucede na totalidade ou em parte da herança, seja por força de lei, seja por disposição de testamento
- p.ext. pessoa que passa a ter algo, a gozar de algo, por transmissão, doação etc. de outrem,
- p.ext. pessoa que recebe e dá continuidade a uma tradição, transmitida por sua ascendência ou pelas gerações precedentes. (Fonte: Dicionário Houaiss http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=herdeiro)

Considerando que: " ... não se tem acesso direto à realidade, uma vez que ele é sempre mediado pela linguagem. O real apresenta-se para nós sempre semioticamente, ou seja, linguisticamente." (FIORIN, 2008, p.19) , a análise da escolha linguística, mostra que Mulher em questão não é a autora ou sujeito desta Revolução , mas alguém que recebeu em herança um patrimônio que lhe foi transferido por sucessão, por força da lei, alguém que dá continuidade a algo que já existe e está em andamento, esta mulher não constrói o processo, apenas assimila e colhe os frutos do que já havia sido plantado anteriormente, isto denota uma sujeição a rumos já delineados e mais do que isto, em nossa cultura capitalista sabemos que aquele que herda, muitas vezes, não valoriza o que recebeu e não tem interesse e/ou capacidade de dar prosseguimento à empreitada, acabando por dilapidar o que já estava construído.

A edição da VEJA MULHER 2010 não traz exatamente de que Revolução está tratando, por conta do quadro comparativo/evolutivo entre as edições de 1967, 1994 e 2010 que intenta construir, depreendemos que seja uma referência às transformações culturais e às funções que a Mulher assume nesta nova configuração social em que agora pode protagonizar papéis que antes não lhe eram franqueados.

Bom-mocismo nas letras

O texto que vamos passar a analisar é de Sérgio Rodrigues, crítico literário, jornalista e escritor é autor de *Elza, a Garota* (Editora Nova Fronteira), o romance mistura ficção e história ao retratar a trajetória da jovem morta pelo PCB em 1936.

A matéria faz parte da seção *Sexo e saúde • Cultura.* Partindo dos dados fornecidos pela Editora Abril sobre o público da Revista VEJA, observamos que a maioria dos leitores é do

sexo Feminino - 53% e 71% está nas classes A e B[5] , considerando que este perfil se aplique também à VEJA MULHER, deduzimos que a publicação se dirige à mulher que trabalha e que tem uma profissão e uma posição social definidas, deve se interessar não mais apenas por culinária ou afazeres domésticos, temas outrora dedicados às mulheres, mas também por produção cultural, salientamos que neste caso específico a matéria trata de literatura com temática sexual, portanto envolve uma abordagem do comportamento humano com relação à libido e à sexualidade.

Iniciaremos pelo título, definindo e contextualizando o substantivo masculino: " Bom-mocismo"

1. Irôn. Atributo, qualidade de quem é bom-moço: "Desde que o presidente do PT, José Dirceu, declarou que"é muito fácil posar de bom-moço", o partido abandonou o bom-mocismo..." (Tales Faria, *ISTOc8 on line* - 14/12/2004)) (Fonte: Dicionário Aulete - http://aulete.uol.com.br/bom-mocismo#ixzz2VuvoNvYr)

A definição nos remete a outro substantivo *bom-moço:*1. *Irôn. Indivíduo que se mostra como honesto e bem-comportado, sem o ser.* (Fonte: Dicionário Aulete - http://aulete.uol.com.br/bom-mo%C3%A7o#ixzz2Vuw8281d)

Os verbetes nos reportam à ironia, à dissimulação, o que mostra uma dose de ambiguidade, já que por característica o tom irônico sugere, dá indícios, mas é o diálogo entre receptor, contexto e as diversas vozes que direcionam a "leitura" do enunciado:

> Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. Um enunciado ocupa sempre uma posição numa esfera de comunicação sobre um dado problema. (FIORIN, IDEM, p.21)

A que se refere então a expressão " bom-mocismo nas letras" ? Será uma atitude de quebra de expectativa em relação a um comportamento já consagrado? Neste caso, de quem, dos homens ou das mulheres? Será um olhar que busca criticar por meio de contrastes que serão destacados?

O subtítulo do texto nos dá pistas dos rumos assumidos pelo sujeito-enunciador:

" Desde a explosão do feminismo, o sexo na literatura tem deixado de ser um espaço de rebeldia e afirmação para os homens, que andam até mesmo tendendo a um certo pudor."

[5] Fonte: http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/perfil-dos-leitores

Considerando que elegemos a análise do discurso como método, buscaremos os indícios marcados pelas informações implícitas:

Explosão: remete-nos a um momento de grande força e intensidade, algo súbito, violento e ruidoso. Ou seja, neste caso, o *feminismo* já atingiu grandes proporções e seus efeitos se fazem sentir de modo marcante.

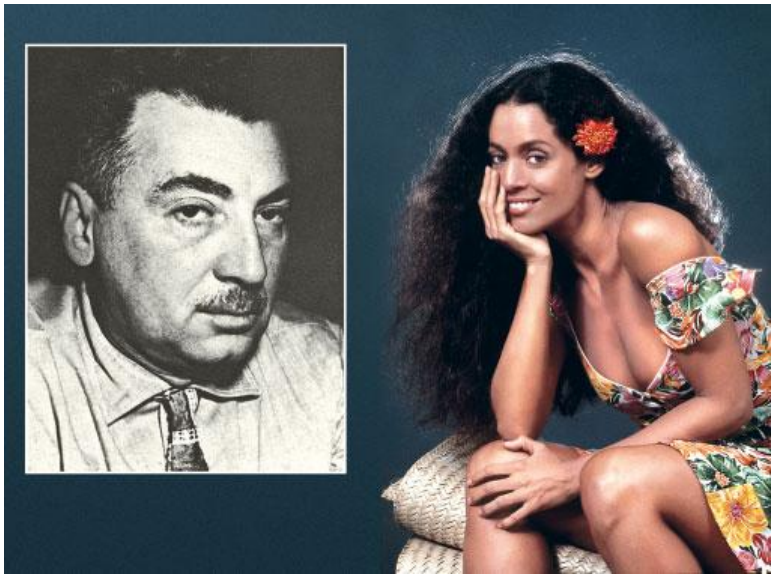
... o sexo na literatura tem deixado de ser um espaço de rebeldia e afirmação para os homens... Na locução verbal " tem deixado de ser " , o núcleo é o verbo "deixar" , que pressupõe a ideia de abandonar, suspender algo que já existe, que está sedimentado; a expressão "tem deixado" indica um processo, algo ainda em andamento, então se "tem deixado de ser" , reforça-se que tratar de sexo na literatura *ainda* é , ou seja, permanece este espaço de rebeldia e afirmação preferencialmente para os *homens.*

... que andam até mesmo tendendo a um certo pudor. O uso da preposição *até*, indica inclusão, o máximo que se pode fazer ou aonde se pode chegar, também denota um tom irônico, como algo inusitado ou inesperado, ou seja, esta vergonha e timidez ao tratar de sexo não seriam sentimentos normalmente esperados dos homens, já que a estes tudo é permitido e mais do que isto, um comportamento ousado do *macho* é até mesmo algo incentivado pela sociedade. Visão esta corroborada mais adiante: "Tal tipo de bom-mocismo levou a escritora e jornalista americana Katie Roiphe, em artigo publicado em dezembro de 2009 no *The New York Times*, a alfinetar a geração de Wallace como "cool demais para o sexo".", o verbo *alfinetar* sugere uma provocação à masculinidade dos envolvidos, vemos então que uma posição mais branda em relação ao erotismo, algo que Sérgio Rodrigues atribui à influência do feminismo, é algo tido como antinatural e portanto, tornaria este homem menos atraente ou desejável pelas mulheres.

Ao tratarmos do texto como um encadeamento de enunciados, é possível escancararmos as relações e as interações dialógicas entre eles, e mais do que isto, entre as posições sociais linguisticamente delineadas.

> Há um Bakhtin interacionista. Afinal, ele tratou fundamentalmente das relações do eu o outro. Entretanto, o outro é uma posição social, expressa num texto. As relações dialógicas de que ele se ocupou não são o diálogo face a face, mas as relações entre posições sociais. (FIORIN, IDEM, p.08)

Olhares – uma visão androcêntrica?



CRAVO E CANELA DE SOBRA

A Gabriela de Jorge Amado (*ao lado, na pele de Sonia Braga, em 1983, no cinema*) é o melhor exemplo "da perspectiva masculinista do corpo feminino", segundo a professora brasileira Cristina Ferreira-Pinto, que leciona nos Estados Unidos. Mas quem mesmo é a anti-Gabriela da literatura feminina? Não há

http://veja.abril.com.br/especiais/mulher/bom-mocinho-nas-letras-p-068.html

Quando nos deparamos com a imagem acima, que ocupa um lugar de destaque no texto, alguns elementos se sobressaem como a discrepância entre a representação de Jorge Amado e de "Gabriela". No primeiro temos só o rosto em preto branco, sua fisionomia é séria, já " Gabriela " (Sônia Braga) aparece sorridente , de corpo inteiro e em pose provocante e sensual numa foto colorida. A legenda abaixo diz: CRAVO E CANELA DE SOBRA, numa explícita alusão ao romance de Jorge Amado G*abriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior* de 1958 e suas adaptações para o suporte audiovisual, há neste ponto uma mistura entre três instâncias ficcionais: literatura, cinema e televisão. Afinal, a matéria da Revista trata de literatura, traz uma imagem do filme, mas a "Gabriela" de fato conhecida do grande público, o "ícone cultural de massa" é a da telenovela de 1975, protagonizada também por Sônia Braga: " ... dado o alcance dos meios de comunicação, é mais provável que o receptor seja primeiro um espectador e, posteriormente um leitor." (BALOGH, 1996, p. 22)

A escolha de "Gabriela" como exemplo da: "*perspectiva masculinista do corpo feminino*" se justifica quando consideramos sua relevância no imaginário nacional, considerada como

símbolo da mulher brasileira, Sônia Braga "incorporou" a malícia inocente da personagem na versão televisiva que foi ao ar em 1975 na Rede Globo, em comemoração aos dez anos da emissora, direção Walter Avancini e autoria Walter J. Durst. E assim surge o ícone: Sônia Braga, a "Gabriela" realizada, encarnada.

> Gabriela retirante, Gabriela cozinheira de mão cheia, Gabriela flor e mulher foge da imaginação dos milhares de leitores de Jorge Amado para, pela primeira vez, ter um corpo, um rosto, uma voz definida, a cores, via Embratel. Cada leitor, potencialmente um apaixonado de Gabriela, a imaginava a seu modo, cada admirador do mito da mulher brasileira típica podia ver Gabriela na vizinha, amiga ou mulher. Agora, Gabriela tem um nome - Sônia Braga - e passa a conviver, não mais com os leitores mas com uma massa de telespectadores, de segunda a sexta-feira, no horário fixo das 22 horas. (SILVEIRA, 1975)

A identificação entre a personagem e a atriz é tamanha que quando Juliana Paes foi escolhida para ser a "Gabriela" no remake de Walcyr Carrasco, com direção de Mauro Mendonça que foi ao ar em 2012, foi alvo de críticas severas e disse em entrevista ao Estado de S. Paulo: "Um amigo meu disse bem: mexer com Gabriela é igual mexer com Nossa Senhora. É sagrado. Qualquer pessoa que escolhessem ia passar pelos mesmos questionamentos", disse a atriz." (DAUROI, 2012)

E quanto às questões da imagem, o que mais parece nos sugerir? Ambos estão em perspectiva, daí *a perspectiva masculinista*, e direcionam o olhar para o leitor ou leitora. Lado a lado, Criador - Jorge Amado , e Criatura - "Gabriela" - Sônia Braga, este direcionamento porém está invertido, de modo que os olhares entre eles se cruzam. A representação sisuda do romancista, confere-lhe um ar sóbrio e responsável que contrasta com a caracterização vivaz e brejeira da mulher.

Para tratar deste tema e como contraposição a esta visão androcêntrica que " envolve a aceitação da categoria implícita de subordinação da mulher ao homem, baseada nas estruturas biológicas de cada indivíduo." (ALMEIDA, 1998, p. 41) , o texto recorre a uma "voz feminina", cuja autoridade é reforçada pela indicação de que ela é docente de uma instituição internacional:

> Um exemplo: quando a professora Cristina Ferreira-Pinto, brasileira que leciona na Washington and Lee University, nos Estados Unidos, diz em seu livro *Gender, Discourse and Desire in Twentieth-Century Brazilian Women's Literature* (Gênero, Discurso e Desejo na Literatura Feminina Brasileira do Século XX) que "o melhor exemplo da perspectiva masculinista do corpo feminino é *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado", livro cuja protagonista seria retratada pelo autor "de um ponto de vista patriarcal", é inevitável pensar

> que todos os exemplos de reação literária feminina que ela cita em seguida parecem condenados à irrelevância. Gabriela é um ícone cultural de massa.

Considerando que em literatura estamos tratando de uma criação artística, de ficção, de uma perspectiva particular, seria possível estabelecer uma relação com a realidade em que os conflitos, as desigualdades retratadas encontram um paralelo para além do universo inventado da obra literária?

> Nas obras literárias, (...) é possível entender melhor, a partir do fictício, atitudes e psicologia das mulheres, desde que se aceite a premissa de que toda literatura fornece símbolos, estereótipos, arquétipos e papéis que são extremamente úteis para testar o real.
> Sendo assim, situações vividas por personagens de romances, apesar de na maioria das vezes sujeitas ao olhar masculino, dão voz às mulheres, movimentando um cenário de muitas indagações e poucas respostas sobre o lado feminino da questão. " (SAMARA, 1996, p.127)

Quando trata das *Imagens de mulher em Gabriela de Jorge Amado*, Rosana R. Patrício (1999) , aponta que as atribuições para as mulheres são muito bem definidas na sociedade patriarcal: "esposas, filhas, irmãs, solteironas, solteiras (casadoiras), raparigas, prostitutas, empregadas domésticas. Todas direta ou indiretamente sob o "jugo" ou "controle" de algum homem." (PATRÍCIO, 1999, p. 22)

Percebemos então que em "Gabriela" temos uma ilustração adequada de criação de personagens femininas sob a ótica androcêntrica: de autoria de um homem, em uma sociedade em que há uma clara atribuição de papéis baseada na questão dos gêneros, há na narrativa muitos modelos de mulheres que estão sob o domínio de um grupo machista , e que a ficção , como "espelho" de um universo, serve para tornar patente clichês que se aplicam à nossa vivência. Mas o que diz o texto "Bom-mocismo nas letras" ao seu público a respeito? Logo no início temos:

> "Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos. Agora somos nós que vamos dizer o que somos." O grito de guerra de uma personagem de Lygia Fagundes Telles no romance As Meninas, de 1973, ecoou em milhares de "quartos só delas" – aquilo que a escritora inglesa Virginia Woolf, em um célebre ensaio de 1929, declarou ser fundamental para que as mulheres pudessem escrever, isolando-se dos outros papéis sociais que a sociedade lhes impunha. Por trás de suas portas fechadas, enquanto soprava na janela a ventania do feminismo, as escritoras brasileiras lançaram-se nas últimas quatro décadas à tarefa de contrapor sua própria voz a uma tradição literária maciçamente masculina.

A menção ao romance *As meninas* de Lygia Fagundes Telles traz uma produção literária feminina que tem como personagens principais mulheres que em sua diversidade e complexidade tentam extrapolar os limites dos moldes vigentes e expõem suas angústias e contradições. Se o dístico "*Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos. Agora somos nós que vamos dizer o que somos."* virou uma espécie de lema que permeia vários trabalhos que tratam de literatura feminina, o trecho que o sucede reforça a demarcação de espaços definida pela distinção de gêneros: ... *ecoou em milhares de "quartos só delas",* a tão solidificada dicotomia entre público e privado que Bordieu analisou entre os berberes da Cabília e que na verdade, continua existindo até em sociedades ditas pós-modernas e globalizadas.

> ...fazer frente a, enfrentar, frente a frente (*qabel*), tomar a palavra publicamente, olhar no rosto, nos olhos, tomar a palavra publicamente – são monopólio dos homens; a mulher , que, na Cabília, mantém-se afastada dos lugares públicos, deve de algum modo renunciar a fazer uso público do próprio rosto e de sua palavra (ela anda em público com os olhos baixos, voltados para os pés, e a única expressão que lhe convém é " eu não sei", antítese da palavra viril, que é a afirmação decisiva , cortante, ao mesmo tempo que refletida e calculada)." (BORDIEU, 2010, p. 27)

Esta interdição do espaço público e a limitação quanto ao uso da palavra imposta às mulheres transparecem no trecho: "Por trás de suas portas fechadas, enquanto soprava na janela a ventania do feminismo, as escritoras brasileiras lançaram-se nas últimas quatro décadas à tarefa de contrapor sua própria voz a uma tradição literária maciçamente masculina.". As mulheres não estão nas ruas, mas sim "por trás de portas fechadas" e as brasileiras por sua vez estavam ainda fechadas atrás destes tapumes quando a influência do movimento feminista já se fazia sentir, além disso, elas ainda têm a missão não só de marcar seu território, mas também de contra-atacar todo um legado que as exclui e não deixa suas vozes ecoarem.

Considerações finais

É emblemático considerarmos que estamos tratando de uma revista dirigida ao público feminino, de um artigo cujo autor – do sexo masculino – reafirma e valida a diferença na atribuição social de espaços. " A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão

social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos..." (BORDIEU, IDEM, p. 18). Notamos aqui o que Bordieu chama de *programa social de percepção* que justifica a relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres nas diversas instâncias sociais, tal perspectiva também "masculinista" não oferece possibilidade de reflexão e viés críticos às profundas desigualdades existentes entre os gêneros e suas representações e a ordenação social que daí decorre, antes procura legitimar seu discurso com vozes como de Lygia Fagundes Telles , Virgínia Woolf, Hilda Hist , Adélia Prado, da professora Cristina Ferreira Pinto, da escritora e jornalista americana Katie Roiphe, circula ainda por Bruna Surfistinha e pelos Estudos Culturais que colocaram " sob suspeita toda a história da literatura como uma conspiração de "machos brancos heterossexuais mortos" , reduzindo toda uma gama de estudiosos a um: "tal pensamento politicamente correto nos círculos intelectuais" e concluir com: "Talvez Roiphe cometa uma injustiça ao ver apenas pose e acanhamento existencial na postura de Wallace e seus contemporâneos." , ao comentar uma mudança no tratamento do erotismo, agora com um enfoque suavizado com "O que pode muito bem ser mais um resultado da onda feminista." , sem estabelecer com clareza de que se trata esta "onda feminista" , será uma tendência passageira, com altos e baixos ? Ou ainda, o que se entende por literatura feminina?

Sérgio Rodrigues veste com uma roupagem dialógica uma visão simplista em que uma pergunta, a que ainda não conseguimos responder, fica no ar: "Quem é a anti-Gabriela da literatura feminina? "

Reputamos como ilustrativo o trecho do romance abaixo, em que as personagens Fagundes e Clemente, este último, enamorado por "Gabriela" conversam sobre ela:

> - Tu tá maluco. Ela não é mulher pra se viver cum ela.
> - Que é que tu tá dizendo?
> - Num sei... Pra mim é assim. Tu pode dormir com ela, fazer as coisas. Mas ter ela mesmo, ser dono dela como é de outras, isso ninguém vai nunca ser. (AMADO, 2012, p. 109)

Ainda que esteja sob uma "perspectiva masculinista", seria "Gabriela" de fato o melhor exemplo de mulher submissa e subjugada pelas convenções sociais? Se na trama a personagem é considerada fora dos padrões, desafia as regras e costumes: não quer se casar, não se deslumbra com posição social, não se interessa pelos eventos que reúnem a alta sociedade local, não se importa com roupas e calçados chiques, segue seus desejos, adora brincar com as crianças pela rua e se porta com uma espontaneidade que choca os conservadores, seria a sua antítese o modelo almejado por esta " nova mulher" que herdou a Revolução, a quem a VEJA MULHER 2010 se dirige?

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jane de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BALOGH, Anna Maria. **Conjunções, disjunções e transmutações: do literário ao cinema e à TV.** São Paulo: AnnaBlume- ECA/USP,1996.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

PATRÍCIO, Rosana Ribeiro**. Imagens de mulher em Gabriela de Jorge Amado.** Salvador: FCJA, 1999.

SAMARA, Eni de Mesquita. **Gênero e construção do símbolo na literatura**. Revista Acervo. Vol. 9, nº 01/02. jan/dez 1996, p. 25 -136.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Dostoiévski - Prosa Poesia.** Perspectiva, São Paulo, 1982.

TELLES, Lygia Fagundes . As meninas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Webgrafia

Banco de Dados TV Pesquisa: Disponível em: http//www.tv-pesquisa.com.puc- rio.br. Acesso em 22.09.2012.

DAUROI, Alline. O **SAGRADO EM CORPO DE MULHER** 22 abr. 2012. Disponível em: http//www.tv-pesquisa.com.puc- rio.br. Acesso em 22.09.2012.

SILVEIRA, Emília. **O CHEIRO DE CRAVO, A COR DE CANELA EU VIM DE LONGE, VIM VER GABRIELA** 13 abr. 1975. Disponível em: http//www.tv-pesquisa.com.puc- rio.br. Acesso em 22.09.2012.

VEJA ESPECIAL MULHER 2010. Disponível em: http://veja.abril.com.br/especiais/mulher/index.html, acesso em: 27.05.2013.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa On-line, disponível em: http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?

iDicionário Aulete, disponível em: http://educacao.uol.com.br/dicionarios/